

# MAPEAMENTO SOCIAL da CAPOEIRA em FLORIANÓPOLIS



**FÓRUM DA CAPOEIRA**  
DA GRANDE FLORIANÓPOLIS

## Mapeamento Social da Capoeira em Florianópolis

### **Fórum da Capoeira da Grande Florianópolis**

Coordenador: Victor Wornor Leite  
(Professor Victor)  
Vice-Coordenador: Valmir Ari Brito  
(Mestre Jimmy Wall)  
Secretária: Joseane Pinho Corrêa  
(Contramestra Jô Capoeira)  
Segunda Secretária: Rosa Cristina  
Costa (Mestra Rosa)

### **Equipe de pesquisa**

Anderson José Libânio (Contramestre Rato)  
Douglas Ladik Antunes (Anzol)  
Henrique Rettamoza Borges  
(Graduado Império)  
Joseane Pinho Corrêa (Contramestra Jô Capoeira)  
Rosa Cristina Costa (Mestra Rosa)  
Samantha de Mendonça Barros  
Valmir Ari Brito (Mestre Jimmy Wall)

### **Programa de extensão “O Sentido do Olhar”**

Coordenador: Douglas Ladik Antunes  
Bolsistas: Ana Paula Koops Lordello  
Aquiles Carrion dos Santos Schlüter  
Leonardo Paolini  
Marina Pinho Bernardes

### **Colaboradores**

Azânia Mahin Romão Nogueira  
Jeruse Romão  
Richard Rafea (Mestre Habibis)  
Fábio Garcia  
Rossano Lopes Bastos

### **Cartografia e mapa**

Aquiles Carrion dos Santos Schlüter  
Marina Pinho Bernardes

### **Projeto gráfico, diagramação e capa**

Ana Paula Koops Lordello  
Leonardo Paolini

### **Ilustrações**

Ana Paula Koops Lordello

### **Revisora de texto**

Carmen Garcez

Fórum da Capoeira da Grande  
Florianópolis  
forumcapoeira@gmail.com

M297

Mapeamento social da capoeira em Florianópolis / Textos de Anderson José Libânio, Azânia Mahin Romão Nogueira, Douglas Ladik Antunes, Jeruse Maria Romão, Joseane Corrêa, Rosa Cristina Costa, Rossano Lopes Bastos, Valmir Ari Brito. Florianópolis: Cruz e Sousa, 2019.  
24p.; Color; 18 x 24,0 cm.  
ISBN 978-85-907093-3-6

1. Capoeira – Florianópolis. 2. Patrimônio Cultural Imaterial. I. Libânio, Anderson José. II. Nogueira, Azânia M. Romão. III. Antunes, Douglas L. IV. Romão, Jeruse M. V. Corrêa, Joseane. VI. Costa, Rosa C. VII. Bastos, Rossano Lopes. VIII. Brito, Valmir Ari.

CDD 796.81641

# Apresentação

*“A força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos, quando apenas conseguem identificar o que nos separa e não o que nos une.”*

Milton Santos

O Fórum da Capoeira da Grande Florianópolis, criado em 8 de março de 2014, é um espaço aberto de discussão e de articulação permanente, composto de camaradas comprometidos com a capoeira, formado por representantes de vários grupos e associações da Grande Florianópolis, dos diversos estilos, linhagens e vertentes.

Seu principal objetivo é ser um espaço de debates, promoção de encontros, aproximação dos grupos e conjugação de esforços para a politização dos capoeiras e para a elaboração de propostas e ações de políticas públicas orientadas a dar maior visibilidade à capoeira na região. Além da organização e promoção da Semana da Capoeira, a divulgação e incentivo

para a participação nas rodas da cidade, o Fórum apresenta este trabalho, o Mapeamento Social da Capoeira.

A capoeira é luta social e política. Não devemos ser capitães do mato na roda, lutar uns contra os outros. Temos, ao contrário, que nos unir para o rompimento da estrutura atual de nossa sociedade desigual, que cultiva os princípios do egoísmo, individualismo e opressão. Parafraseando Paulo Freire, quando a capoeira não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor. Temos que nos libertar da alienação, da opressão, e lutar na roda e na vida por uma sociedade mais justa.

Vamos “simbóra”, camaradas, nas rodas e na rua... Força na Luta!

*Por Joseane Pinho Corrêa*

Equipe de pesquisa e assessoria:  
Frente: Joseane Pinho Corrêa (Contramestra Jô Capoeira), Samanta Barros. Atrás: Valmir Ari Brito (Mestre Jimmy Wall), Ana Lordello, Douglas Antunes (Anzol), Aquiles Schlüter, Rosa Cristina Costa (Mestra Rosa), Anderson José Libânio (Contramestre Rato).  
2018. Joaquim Corrêa



# Um breve histórico da capoeira em Florianópolis

Por Anderson José Libânio  
(Contramestre Rato)

Assim como é difícil demarcar com precisão o ponto inicial da origem da capoeira no Brasil, o mesmo acontece em Florianópolis.

Tomando como referência o contexto apresentado por Martha Rebelatto, as lutas, as estratégias de resistência e o trânsito de escravos africanos também se fizeram presentes na Freguesia de Nossa Senhora do Desterro.

Segundo Mário Sérgio Fregolão, é possível pensar que em todos os lugares em que existiu concentração de escravos houve capoeiragem, com nomes distintos e particularidades de cada local. O autor menciona o Código de Posturas da Câmara de Desterro do ano de 1845, no qual o artigo 38 proibia o batuque e

o artigo 63 desautorizava escravos a jogar nas ruas, praças, bosques ou esconderijos.

Em favor dessa hipótese, o Mestre KBlêra (Marcelo Stotz) relata que em um de seus treinos na Beira-Mar Norte, na década de 1980, foi abordado por um senhor negro de 70 anos e este lhe contou que seu avô fazia a mesma prática em frente à Igreja de Santo Antônio de Lisboa quando trabalhava lá.

O Mestre Tuti (Fernando Bueno) levanta a possibilidade de a capoeiragem ter sido trazida para cá por meio dos negros escravos que trabalhavam nas armações baleeiras. As autoras Beatriz Mamigonian e Josiane Vidal apoiam essa afirmação apontando o fato de



Roda de capoeira na Praça XV organizada pelo Mestre Pop, em 3 ago. 1985. Acervo: Mestre KBlêra.

que escravos foram adquiridos para labutar na Armação da Lagoinha (Ribeirão da Ilha), na praça do Rio de Janeiro.

Outras evidências se encontram nas entrevistas feitas com Betinho (Alberto Luiz dos Santos) – homem negro de Florianópolis que aprendeu a capoeiragem através de seu tio Léla e seu primo Coca – e com Bonga (João Nilson Costa), que expõe o fato de seu avô

*Todos esses vestígios apontam a possibilidade de um protagonismo negro na construção da capoeiragem em Florianópolis*

João Costa ter sido conhecido no mundo da capoeiragem como Nego Mariano.

Todos esses vestígios apontam a possibilidade de um protagonismo negro na construção da capoeiragem em Florianópolis.

De acordo com Fregolão, outro indicativo da presença da capoeira escrava em Desterro está na notícia do jornal *O Conservador* de 22 de fevereiro de 1879, que relata um rebuliço na Rua do Ouvidor envolvendo o famoso capoeira Juca Reis.

Dando um salto na história para a década de 1970, temos o registro de Paola Vicenzi Franco, que declara a passagem pela Ilha de um capoeira com o nome de Teseu.

É relevante apontar, porém, que não houve em Florianópolis a difusão de uma prática mais sistemática das aulas de capoeira por meio dessas figuras históricas. Por isso, é possível enaltecer a importância e atuação do Mestre Pop (Lourival Fernando Alves Leite) no processo de resistência e perpetuação da capoeira no município.



Roda da Barra da Lagoa, 1992. Acervo: Mestre Calunga.



# A capoeira: concepções e outras manifestações

Por Valmir Ari Brito (Mestre Jimmy Wall) e  
Douglas Ladik Antunes (Anzol)

A corporeidade manifesta na capoeira e em outras práticas a ela relacionadas é perpassada por elementos ligados a fatores étnico-raciais, culturais, sociais, psicológicos e políticos; e, nesse sentido, o corpo pode ser compreendido como o primeiro território de cada pessoa praticante dessas manifestações.

A gestualidade expressa na capoeira traz elementos do samba, da musicalidade, em um jeito “malandriano” de jogar. O termo malandriano significa malicioso, descontraído, mandingueiro e manhoso. Independentemente do estilo do jogo, que é particular de cada pessoa, e das influências segundo sua “linhagem” na capoeira, podemos explicar a capoeira conforme suas diferentes concepções. Então, ao falar em capoeira, estamos naturalmente tratando de capoeiras – formas diferentes de jogar, que seguem até princípios e fundamentos diversos. As palavras capoeira e diversidade se combinam!

A capoeira é um evento possuidor de um saber corporal. E como registram alguns historiadores, por volta de 1820 o castigo

comum a um negro aqui escravizado que fosse encontrado praticando capoeira era de 300 açoites e prisão de três meses. E nessa história os capoeiras (res)significaram os momentos de dor e sofrimento em cantos e manifestações que enaltecem as lutas a favor da sua libertação. Seja na luta corporal direta, seja no uso do corpo como “território de liberdade”, que se contrapunham à gestualidade do mundo do trabalho.

Nesse sentido de “luta” a partir do corpo, de uma corporeidade negra, a capoeira surge conjuntamente com diversas outras manifestações, que não estão fundidas à capoeira mas sem dúvida compõem um conjunto de práticas relacionadas em sua origem, em sua história e na corporeidade. A corporeidade, como dito, é fortemente ligada à história dos negros e negras no Brasil, mas com influências indígenas. Hoje a capoeira é praticada por pessoas de diversas origens, etnias, classes sociais, gêneros e identidades – ou seja, mais uma vez as palavras capoeira e diversidade se combinam.

Assim, a história da capoeira é marcada pela criação de formas diferentes de jogar, de gingar, de lutar; essas diferentes formas

são referidas aqui como “concepções”. Podemos encontrar em Florianópolis diversas concepções, banhadas pelos saberes dos mestres que aqui difundiram suas práticas, segundo as próprias “linhagens”: Capoeira Angola, Capoeira Regional, Capoeira Contemporânea, Capoeira Angola do Meio, Miudinho. Os grupos estabelecem suas formas de jogo conforme essas “matrizes”.

Porém, podemos afirmar que houve, a partir da relação desses grupos, a formação de uma “Capoeira da Ilha”, que vem sendo praticada de forma mais sistemática desde a década de 1970, mais precisamente desde 1977, com o início das aulas do Mestre Pop.

Juntamente às práticas das capoeiras (como diriam alguns grandes mestres, “tudo é capoeira”), podemos observar a presença de outras práticas como o samba de roda, o maculelê, a puxada de rede, as danças afro-brasileiras, as danças de origem africana, etc. Dessa forma, cada lugar de capoeira em Florianópolis expressa um território – para

*Ao falar em capoeira, estamos naturalmente tratando de capoeiras – formas diferentes de jogar, que seguem até princípios e fundamentos diversos. As palavras capoeira e diversidade se combinam!*

além do corpo – de negritude, ou de “negra atitude”. A corporeidade negra, mas também diversa, se define inicialmente na capoeira pela ginga, o balanço incessante e maneiroso do corpo, que une ao mesmo tempo um esquivar-se e um dançar, tudo isso comportando uma mandinga (feitiçaria, encantamento, malícia) de gestos, sorrisos, capazes de desviar o adversário de seu caminho previsto, isto é, de seduzi-lo.

Os territórios se definem a partir da relação entre esses lugares de práticas, de fundamentos, de política, de identidades, onde cada mestre, juntamente aos seus “discípulos”, mantém viva a arte da luta através do movimento e da música – “capoeira na roda, capoeira na vida”, como diria o Mestre Nô.



# Patrimônio cultural arqueológico: capoeira e a cartografia do passado

*Por Rossano Lopes Bastos*

A proposição trazida aqui vem somar esforços transdisciplinares com o objetivo de aproximar os campos de pensamento do patrimônio cultural arqueológico e a cartografia social. Nosso empreendimento deriva de uma prática coletiva, o projeto Mapeamento Social da Capoeira em Florianópolis, do Departamento de Design do Centro de Artes da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). O patrimônio cultural arqueológico foi escolhido por ser uma categoria de pensamento e abordagem que nos permite abarcar uma gama de paisagens, artefatos, símbolos e sítios que apontam para uma pluralidade de entendimento e interpretação da realidade que nos possibilita problematizar a questão da cartografia social.

A importância da luta contra o racismo estrutural e estruturante no Brasil passa pelas memórias silenciadas e pela invisibilidade do patrimônio cultural do povo negro no país. A arqueologia tem oferecido importante contributo à construção de um patrimônio cultural arqueológico plural. Nosso trabalho busca

visibilizar os “grupos vulneráveis”, em especial os negros em situação de exclusão, vítimas de racismo e intolerância nas suas práticas culturais e sociais. Para isso, junto com eles, procuramos abordar e demonstrar como se forma a categoria do “Patrimônio” e como ele pode ser entendido como um aparelho ideológico de Estado. Em função disso, compreendemos o patrimônio cultural arqueológico afro-brasileiro, seus desdobramentos na contemporaneidade, sua apropriação e as novas e antigas formas de silenciamento como conteúdo dos direitos humanos.

Santa Catarina tem uma população multiétnica, todavia a política de Estado procura fomentar de todas as formas a supremacia dos colonizadores europeus, em detrimento dos indígenas, dos negros e ciganos. Nesse contexto, o conhecimento, a formação e o despertar para as possibilidades que a arqueologia traz para o entendimento e a construção da visibilidade do patrimônio cultural arqueológico plural tornaram-se lugar-luta. Então, na medida em que avança o conhecimento arqueológico



Roda do Básico, 1990. Acervo: Contramestre Alemão.

plural, avança também a sistematização do saber em relação aos invisíveis e silenciados, com destaque para o patrimônio cultural afro-brasileiro.

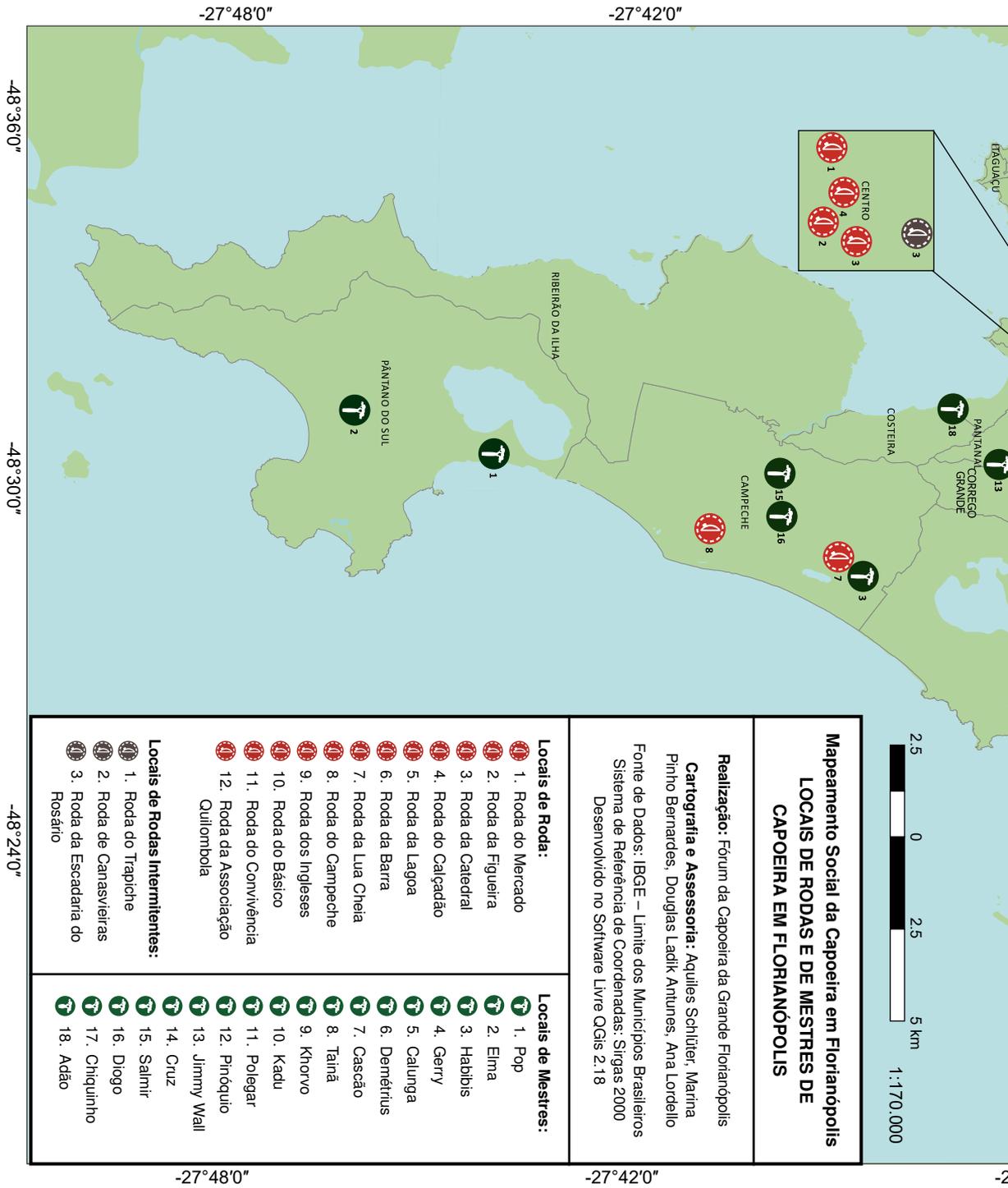
O mapeamento da capoeira em Florianópolis reveste-se, portanto, deste intento: visibilizar a construção desse território e suas disputas na cidade. Aponta para a diversidade de práticas e disseminação em diferentes lugares-luta. Entendemos que só com a formação das identidades e seus territórios é possível romper a persistência da desigualdade racial.

O passado escrito é diferente daquele que testemunham as narrativas orais, as relíquias, os lugares e as imagens; ele é apenas acessível a uma pequena minoria. É um passado oficial, institucional. O passado que buscamos aqui, como formador da memória, de patrimônio, identidade e território, tem atores vivos, ressignificados, e invocam a própria memória para construção de uma narrativa de visibilidade e de poder.

No Brasil, em todos os estados da federação, temos registrado o ofício dos mestres

de capoeira no livro dos saberes e a roda de capoeira no livro das formas de expressão, ambos desde 21 de outubro de 2008. Além disso, como explicitado no *site* do IPHAN, “a 9ª Sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda aprovou, em novembro de 2014, em Paris, a Roda de Capoeira, um dos símbolos do Brasil mais reconhecidos internacionalmente, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. O reconhecimento da Roda de Capoeira pela Unesco é uma conquista muito importante para a cultura brasileira e expressa a história de resistência negra no Brasil, durante e após a escravidão”.

Aqui vale deixar consignado que a roda de capoeira está presente em mais de 150 países, o que revela que a territorialização dessa prática de resistência à escravidão tem amplitude global. Como patrimônio vivo e em expansão, tem também passado por transformações e diferentes apropriações. Portanto, o mapeamento da capoeira em Florianópolis configura-se também como um importante instrumento de avaliação e diagnóstico.



**Mapeamento Social da Capoeira em Florianópolis**  
**LOCAIS DE RODAS E DE MESTRES DE**  
**CAPOEIRA EM FLORIANÓPOLIS**

**Realização:** Fórum da Capoeira da Grande Florianópolis  
**Cartografia e Assessoria:** Aquiles Schlüter, Marina Pinho Bernardes, Douglas Ladik Antunes, Ana Lordeilo  
**Fonte de Dados:** IBGE – Limite dos Municípios Brasileiros  
**Sistema de Referência de Coordenadas:** SIRGAS 2000  
**Desenvolvido no Software Livre QGIS 2.18**

**Locais de Roda:**

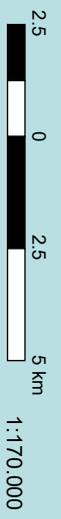
- 1. Roda do Mercado
- 2. Roda da Figueira
- 3. Roda da Catedral
- 4. Roda do Calçadão
- 5. Roda da Lagoa
- 6. Roda da Barra
- 7. Roda da Lua Cheia
- 8. Roda do Campeche
- 9. Roda dos Ingleses
- 10. Roda do Básico
- 11. Roda do Convivência
- 12. Roda da Associação Quilombola

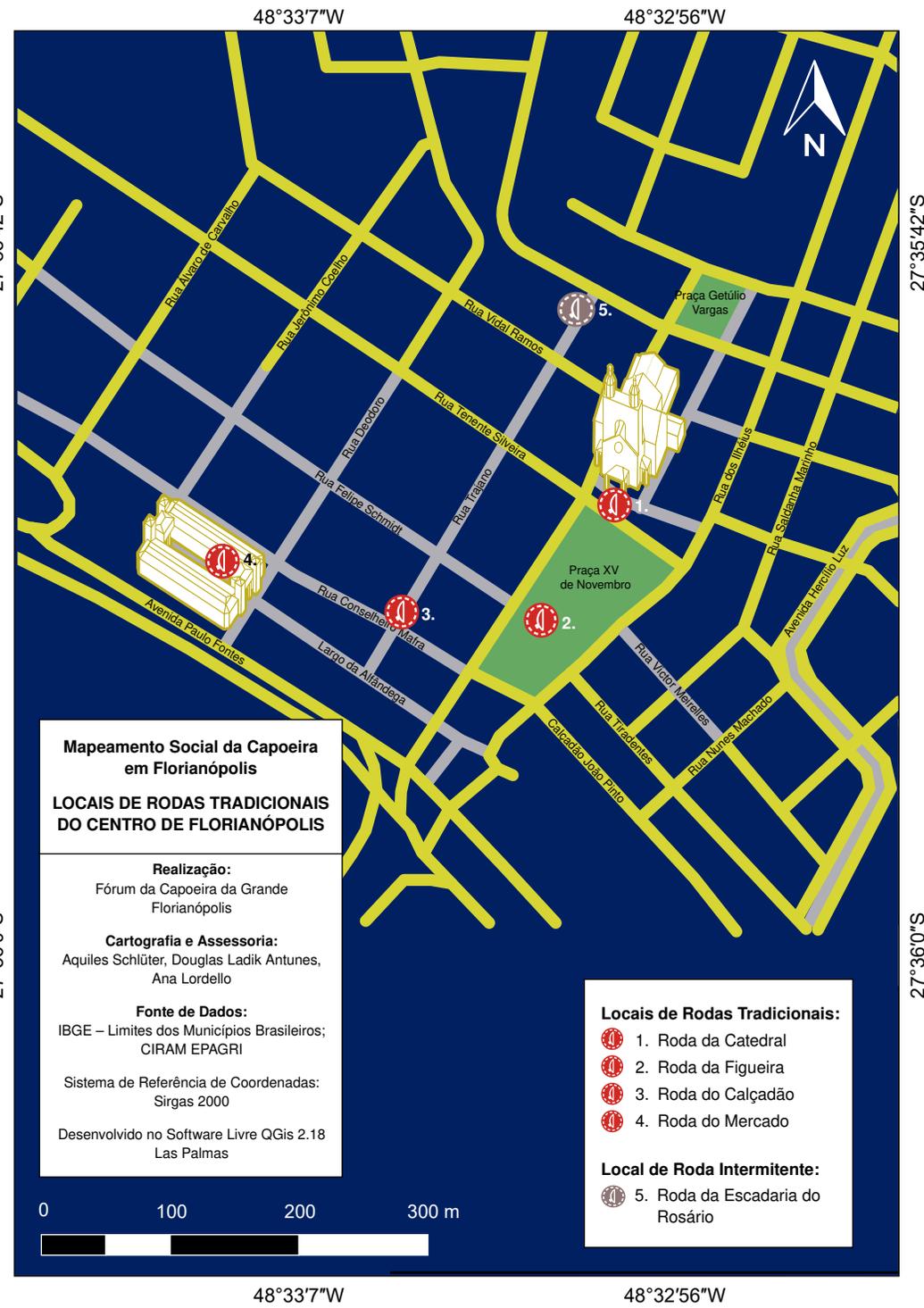
**Locais de Mestres:**

- 1. Pop
- 2. Elma
- 3. Habbis
- 4. Gerry
- 5. Calunga
- 6. Demétrius
- 7. Cascão
- 8. Tainá
- 9. Khorvo
- 10. Kadu
- 11. Polegar
- 12. Pindoquio
- 13. Jimmy Wall
- 14. Cruz
- 15. Salmir
- 16. Diogo
- 17. Chiquinho
- 18. Adão

**Locais de Rodas Intermitentes:**

- 1. Roda do Trapiche
- 2. Roda de Canasvieiras
- 3. Roda da Escadaria do Rosário

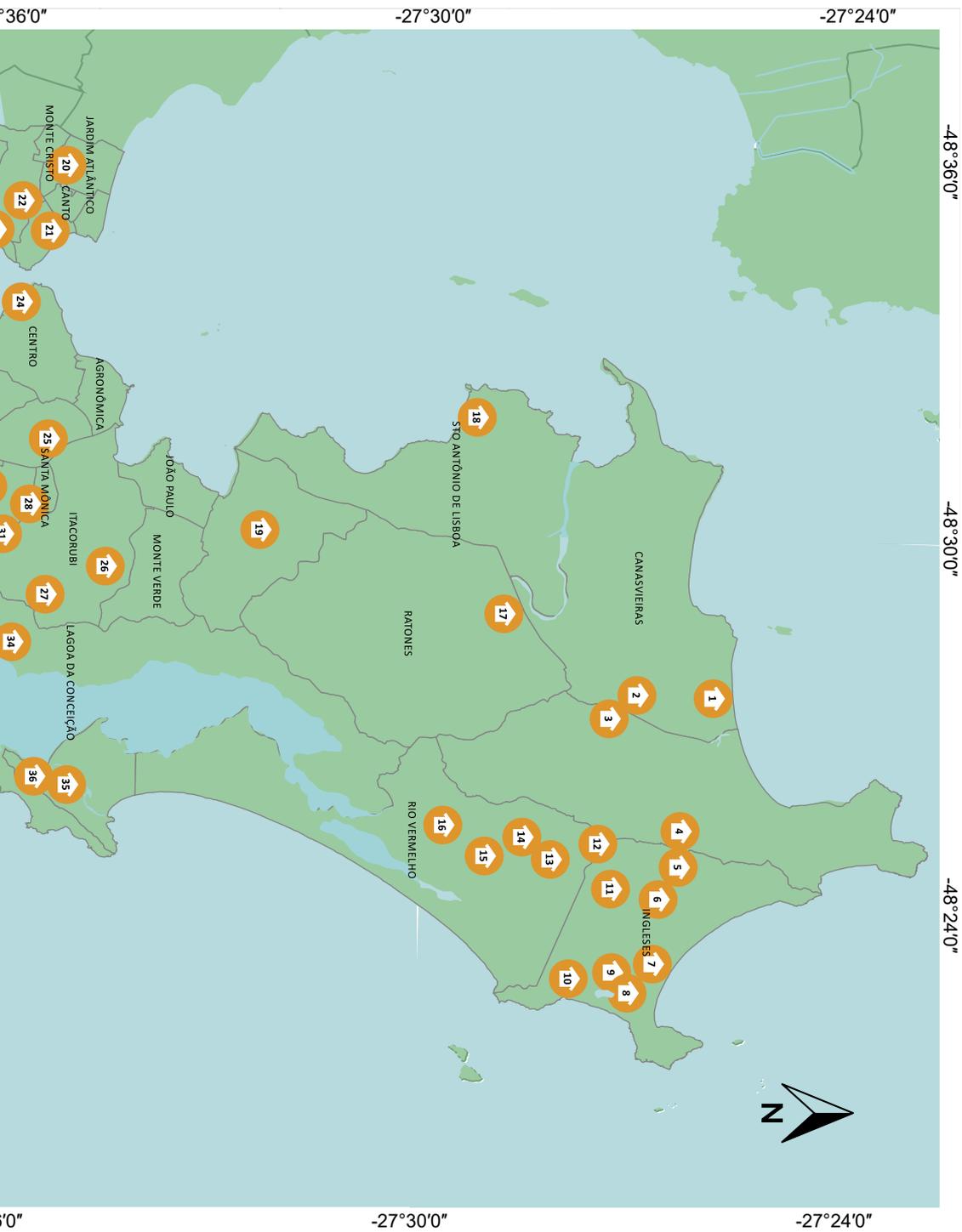






### Legenda

Nº	Nome do Responsável	Grupo	Nº	Nome do Responsável	Grupo	Nº	Nome do Responsável	Grupo
1	Cavalo	Aliança Capoeira	20	João Nilson	Abolição	39	M. Habibis	Cordão de Ouro
2	Morta	—	21	M. Pinóquio	Quilombola	40	João Gilberto	Angola Palmares Sul
3	Batman	Herança Capoeira	22	M. Cruz	Escola Brasileira de Capoeira	41	Anibal	—
4	Pantera	Grupo Sinhá Bahia	23	Jô	Angola Palmares	42	Kamila	FICA
5	M. Tainã	—	24	Bode	ABADÁ	43	M. Salmir	Vadição Capoeira
6	Rato, Minnie	Maré Brasil	25	M. Kadu	Gunganaçó	44	Jari	A. C.A.P.O.E.I.R.A.
7	M. Cascão	Sinhá Bahia	26	Sardinha/Gil Black	Quilombo	45	Sid	Fortaleza da Ilha
8	Roseta	Mandinga	27	M. Chiquinho	Beribazu	46	Deco	Camboatá
9	M. Demétrius	Sinhá Bahia	28	Téo	Ginga Erê	47	Caveira	Guerreiros de Palmares
10	Pica Pau	Maré Brasil	29	M. Polegar/Danuza	Angola Palmares	48	Majé	Áfricanamente
11	Carioca	—	30	Khorção	Ajagunã de Palmares	49	Regis	Liberdade Casa Grande
12	Gonzalo	Capoeira É Vida	31	M. Kiko	Angola Palmares	50	Difunto	Semente do Jogo de Angola
13	Galo, Muquém	Espaço Muquém	32	Vitor	—	51	Potentia	Camboatá
14	Tulipa	Mandinga	33	M. Gerry	Fortaleza da Ilha	52	Chico Rocha	Capoeira Angola Aruanda
15	Carlinhos	Angoleiro Sim Senhô	34	Alê	Lagoa da Conceição	53	M. Pop/Serena	Espaço Aruandê
16	Angolinha	Amazonas	35	M. Calunga	Fortaleza da Ilha	54	M. Elma	N'Zambi
17	Alemão	Arte do Cativoiro	36	Paridal	Angola Palmares Sul			
18	Polaco	Mandinga	37	M. Adão	Fortaleza da Ilha			
19	Dam	Arte do Cativoiro	38	Gazinho	Cordão de Ouro			



# Capoeira, o sagrado e o profano

Por Valmir Ari Brito (Mestre Jimmy Wall) e Douglas Ladik Antunes (Anzol)

*“Se queres saber quem sou,  
Se queres que re-ensine o que sei  
Deixa um pouco de ser o que tu és  
E esquece o que sabes.”*

Provérbio africano

Para tratar dos fundamentos da capoeira, nada mais oportuno que começar pelas religiões afro-brasileiras. Não queremos dizer que a capoeira é religião, e sim destacar certos “pontos de encontro” entre as religiões afro-brasileiras e a capoeira, mesmo que de forma indireta. Como dito pelo pesquisador Waldeloir Rego, “de início, tenho a afirmar que entre a capoeira em si e o candomblé existe uma independência [...] o que existe vem por vias indiretas. É o capoeira que é onorixá (filho de santo), Mestre Caiçara feito de Logum e Dé. Quando não é isso, é Oloyê (dono de título onorífico)”.

Entre os principais fundamentos, que vêm por vias indiretas das religiões afro-brasileiras, para a capoeira podemos destacar a figura do mestre. O mestre é aquele que detém o conhecimento sobre a musicalidade, os movimentos, os fundamentos, os cantos, etc. Para o mestre, além de possuir todos

esses conhecimentos, é necessário que tenha formado discípulos. Para a Capoeira Angola, por exemplo, tornar-se mestre requer muito tempo de prática em um grupo (seu lugar de “origem” e primeiro lugar de seu reconhecimento enquanto mestre). Essa prática se divide em dois estágios: de iniciante (ou aluno) e de contramestre.

Como aluno, são aprendidos os movimentos básicos da capoeira: a ginga, os golpes e esquivas, quedas, os cantos, o toque dos instrumentos que compõem a bateria (berimbau, atabaque, pandeiro, agogô, reco-reco). Já o contramestre é aquele que pode ministrar aulas, que está mais presente nas rodas da sua cidade e, com isso, passa a ter maior reconhecimento. Ele participa e organiza eventos de capoeira. Em outras palavras, o contramestre conquista maior responsabilidade sobre a arte. O mestre, após passar pelos dois estágios anteriores, passa a ter reconhecimento

em seu grupo enquanto mestre e também por outros mestres de capoeira. Nas outras concepções de capoeira, como na Regional e na Contemporânea, o processo de formação e reconhecimento é semelhante, mas com maior quantidade de graduações, ou cordões, entre a iniciação e a formação.

Um dito comum na capoeira é que o mestre não se forma, ele se torna mestre. Segundo o grande Mestre Pastinha, “o mestre é o zelador da capoeira, é aquele que cuida para que a capoeira não se descaracterize”. Acreditamos que os mestres podem ser comparados aos Griots africanos, que eram considerados menestréis, sábios, trovadores, contadores de histórias. Os Griots ou sábios falam dos deuses, da música, da poesia lírica e dos contos que animam as recreações populares. Eles

*A capoeira e as religiões de matriz africana denotam uma interligação, [...] possuem laços que as familiarizam*

eram de três tipos: os Griots músicos – aqueles que tocam qualquer instrumento, cantam e compõem; os Griots “embaixadores” (e cortesãos) – aqueles responsáveis pela mediação entre as grandes famílias em caso de desavenças; e os Griots genealogistas – aqueles historiadores ou poetas (ou as duas coisas ao mesmo tempo) e que são contadores de história e grandes viajantes.

O mestre, visto como o sábio, o velho, tem um lugar de grande respeito e reserva seu papel de ensinamento, na legítima concepção de “maestria”. Diferentemente de muitas sociedades africanas, das religiões afro-brasileiras e da capoeira, na nossa sociedade a velhice é concebida, grosso modo, como a



idade da estagnação, da aposentadoria, o que pode significar recolhimento aos aposentos e o conseqüente abandono da vida produtiva e pública. Sendo assim, o jovem não aprende necessariamente convivendo com os mais velhos, mas, sim, aprende muito com a leitura e as instituições da palavra escrita; como versa o dito: “Não há professor sem livro”. Na capoeira não existe a aprendizagem do jovem sem a sabedoria do velho.

A capoeira e as religiões de matriz africana denotam uma interligação, não que a capoeira possa ser comparada ao candomblé ou à umbanda, mas sim que possuem laços que as familiarizam. No ritual de início de jogo, em que os capoeiristas se benzem ao pé do berimbau tocando o chão, eles estão pedindo proteção aos orixás, e também que não aconteça nenhum acidente grave no transcórre do jogo. Alguns instrumentos musicais utilizados na roda da capoeira, como o atabaque, o

agogô e o caxixi, também estão presentes em terreiros de candomblé e centros de umbanda, com toques e significados diferentes. A música liga a relação entre o sutil e o material.

Na capoeira e nessas religiões, os aprendizados são transmitidos predominantemente na forma oral; não há separação entre o mundo material e o mundo espiritual, entre o sagrado e o profano. Nas rodas existirão os sentidos da reverência, da proteção, da mandinga, suas linguagens e seus momentos. Como diz Waldeloir Rego, o capoeira procura sempre “[...] se proteger, por esse caminho, que é o que foi introduzido na sua formação. Assim, a todo instante um capoeira ‘está queimando’ outro, isto é, fa-

zendo ebó (feitiço) para o seu companheiro, tendo em vista sempre a concorrência e desavenças resultantes disso”. Como dito naquela velha cantiga, “quem não pode com mandinga não carrega patuá”.

*O mestre, visto como o sábio, o velho, tem um lugar de grande respeito e reserva seu papel de ensinamento. [...] Na capoeira não existe a aprendizagem do jovem sem a sabedoria do velho*



Roda da Catedral, 1987. Acervo: Contramestre Alemão.

# Os saberes da roda: refletindo sobre os pressupostos civilizatórios da capoeira\*

Por Jeruse Romão

A capoeira é a expressão mais vital e necessária da resistência negra no Brasil. Vocês têm em suas mãos, nas comunidades, nas ruas, dentro de espaços fechados, nas escolas, espaços marginais e o público vulnerável, uma parcela da população que vocês cuidam de uma forma política, cultural, histórica e que não tem como definir esse trabalho. Fico sempre muito emocionada com a capoeira, porque desde quando eu comecei a militar, nunca fui uma pessoa da roda, mas sempre joguei junto a capoeira. A defesa dela, o conteúdo dela, os marcos civilizatórios que ela traz, sujeito como pessoa, a resistência que ela imprime, a dignidade com que cada mestre toca o seu berimbau para estabelecer suas rodas, o respeito da ancestralidade que os mais jovens carregam.

*Educação das relações étnico-raciais [...] é a consolidação de um projeto de resistência do movimento negro brasileiro*

Embora seja uma capoeira em território extremamente branco, porque nós somos minoria negra, ainda assim a capoeira de Santa Catarina, de Florianópolis, não perdeu seu ligamento histórico africano. Isso é um mérito muito importante a ser visto. Portanto, o zelo que as pessoas de ascendência não africana, na cor da pele apenas, mantêm com a capoeira em Santa Catarina faz com que eu me renda sempre à expectativa de que esse é um projeto de vida e que eu gostaria que a sociedade brasileira assumisse. Pois o legado do sujeito tem que ser tratado com respeito. Dependendo da minha origem, se eu assumisse essa cultura, se eu estou falando deste lugar, do lugar do capoeirista, eu tenho que reconhecer quem é o sujeito da capoeira – e isso a capoeira faz.

\* Fala da Professora Jeruse Romão no Seminário Mapeamento Social da Capoeira, realizado no dia 04 de agosto de 2018 no Auditório do Museu Cruz e Sousa.

*Os mestres da capoeira  
são autoridades dentro  
do panteão civilizatório  
africano vivido  
em Florianópolis*

Isto é educação das relações étnico-raciais, uma política que existe no Brasil, desde quando o africano escravizado chegou aqui. Educação das relações étnico-raciais não é a lei 10.639 ou 11.645, é a consolidação de um projeto de resistência do movimento negro brasileiro que diz o seguinte: nós precisamos nos ver no currículo da escola, saber quem a gente é. Essa escola eurocêntrica, branca por excelência, dominadora, patriarcal, machista, racista, homofóbica. Essa escola não traduz a nossa perspectiva, dos sujeitos brancos não racistas, dos sujeitos negros que resistem, dos sujeitos indígenas que lutam, das mulheres, das ialorixás, do povo da rua, dos povos que estão nas matas, dos ciganos.

A capoeira é um território instituído a partir de princípios de resistência. Ela tem histórico, tem um pensamento. Ter pensamento quer dizer que é preciso fazer uma narrativa do começo, meio e fim, e o fim que não acaba. Ela é ancestral e os mestres são seus pensadores. A capoeira tem música, tem tempo para começar, para manter e finalizar uma roda, assim como a escola tem horário, a capoeira também tem tempo. A capoeira tem conteúdo, tem metodologia e ritos. A capoeira tem pedagogia.

A pedagogia da capoeira, a meu juízo, é que nós resistimos porque somos guardiões de uma ancestralidade, faz com que os mestres sejam espelhos para seus discípulos, faz com que os mestres sejam imortais para seus discípulos, e faz com que suas diretrizes, seus princípios e as suas realizações sejam voltadas para a construção de um sujeito não racista, não homofóbico, não classista e com tolerância religiosa. E, por último, o que já foi dito em várias rodas, vou repetir porque sou

teimosa, ainda sinto que precisamos na capoeira trabalhar com os aspectos de gênero.

Há uma política de higienização e eugenia no espaço da cidade. Já houve várias ondas nesse sentido, e novamente estamos vivendo essa mesma onda de higienização e eugenia, na cidade em que pretos, pobres, de culturas marginais, aquelas não ocidentalizadas, serão banidos do uso da cidade, do espaço público. Por isso, a cartografia é um dos instrumentos políticos mais importantes, pois consolida, dessa maneira, a cidade, com esse olhar de matriz africana mais hábil, mais consolidado. Mas precisamos pensar em política pública, guardar e salvar alguns territórios tradicionais da cultura da capoeira, salvar e guardar os ofícios dos mestres de capoeira, sobretudo aquelas pessoas que se dedicaram a vida toda

à capoeira. Essas pessoas precisam ser crianças na capoeira, jovens na capoeira, adultos na capoeira, mas precisam também ser velhos, e velhos demandam uma série de outras políticas para dar acolhimento a esses mestres. Os nossos anciões, todos eles, representados por aqueles que estão aqui, não são só uma autoridade dentro da capoeira, os mestres da capoeira são autoridade dentro do panteão civilizatório africano vivido em Florianópolis. Portanto, os mestres acadêmicos são de uma natureza, os mestres da capoeira são de outra. E sem sombra de dúvidas, ao meu reconhecimento, quem deveria estar assinando os nossos certificados na nossa vida como negros e negras são os mestres da capoeira.

Usem a força que está nas mãos e nos pés de vocês!



Capoeira no Norte da Ilha. Verão de 1993/1994. Acervo: Anderson José Libânio.



## A capoeira e os territórios negros em Florianópolis

*Por Azânia Mahin Romão Nogueira*

Os territórios negros, como expressão espacial, são definidos a partir de relações de poder focadas na perspectiva racial, onde a identidade negra se faz presente, seja pela autodeclaração daqueles que se apropriam daquele espaço, seja pela presença de marcadores culturais e simbólicos negros.

O corpo também é um território. Isso porque somos percebidos e percebemos o mundo, primeiramente, a partir de nossos corpos. Ele carrega nossas identidades e nele estão expressos nossos pertencimentos, de gênero, raça, classe, geração, entre outros. É também a partir dos corpos que se dá o primeiro passo

na conquista de territórios, por isso a capoeira se apresenta como linha de frente na salvaguarda de dois territórios: como luta/dança, defende o corpo negro, sendo instrumento de resistência à dominação colonial; e como expressão cultural, é um dos pilares da cultura afro-brasileira, resistindo aos processos de higienização da identidade do nosso país.

Dessa forma, a capoeira é um importante marcador que define os territórios negros. Em Florianópolis, observamos a presença de rodas de capoeira em diversos territórios negros do município. Desde 1988, é no Mercado Público – tradicional território negro – que



Roda da Catedral, 1987. Acervo: Alemão.

ocorre a tradicional Roda do Mercado, onde capoeiristas se encontram aos sábados. Por três décadas, as manifestações culturais negras resistem às mudanças impostas por uma concepção urbanística que busca eugenzar os espaços populares de sociabilidade.

Apesar de leis e datas comemorativas que protegem e demarcam a relevância de determinadas expressões culturais no município, o processo de desterritorialização da população negra no Mercado Público terminou por retirar elementos característicos dele, transformando-o num espaço estéril, privando o acesso daqueles que o

transformaram num marco cultural. Aqui, o novo mercado, arquitetado por aqueles que detêm o poder econômico, condiz com o projeto de cidade voltada para o capital turístico elitista.

Porém, a capoeira, juntamente com os clubes negros, os terreiros, as rodas de samba e outras expressões culturais negras, resistem, mostrando a força ancestral da cultura afro-brasileira e o compromisso dos capoeiristas com a luta antirracista e com a defesa dos territórios de resistência negra.

# Mapeamento Social da Capoeira

Por Douglas Ladik Antunes (Anzol)

Os processos de mapeamento social, de forma geral, não têm uma metodologia de trabalho que possa ser seguida à risca. Nesse tipo de trabalho, o método é construído segundo os interesses do grupo em determinados enfoques e expectativa de resultados.

O Mapeamento Social da Capoeira em Florianópolis ocorreu dessa maneira, com amplo interesse em pesquisa e valorização dos mestres e mestras e professores e professoras, com trabalhos em campo e sistematização de resultados em oficinas de avaliação.

A equipe de pesquisa, com diversas pessoas do Fórum da Capoeira da Grande Florianópolis, assessoradas pela universidade (UDESC), optou por um método de mapeamento baseado em três elementos centrais: um curso de formação aos/às capoeiras pesquisadores/as, a realização de saídas a campo (para entrevistas) e, por fim, a avaliação coletiva de informações coletadas e direcionamento da publicação.



2018. Joaquim Corrêa



2018. Joaquim Corrêa

Todo esse processo resultou em 14 meses de pesquisa em campo e 22 reuniões de trabalho, respeitando o tempo próprio do grupo, com o cuidado em visitar as histórias dos mestres e mestras, com todo o respeito que eles/elas merecem.

A sistematização deste Boletim sobre nossa capoeira foi uma das formas encontradas para organizar as informações, mas paralelamente vêm sendo lançados os vídeos com as entrevistas com os/as mestres/mestras.

Esperamos com essas publicações a ampliação da visibilidade dos/das mestres/mestras, dos grupos, da Capoeira na Ilha – caracterizada pela mistura de diversas concepções de capoeira, estilos de jogo e corporeidade da prática que só existe aqui. A luta dos/das mestres/mestras é pela visibilidade, reconhecimento de seus saberes e valorização de seu papel social enquanto educadores/as populares e guardiões/guardiãs da cultura.

Nossas palavras adquirem aqui um lugar para externar nossa gratidão pela realização deste importante trabalho de mapeamento da capoeira de Florianópolis/SC, que apresenta a construção de uma fotografia da nossa capoeira em 2018. Somamos, multiplicamos, ouvimos, falamos, discutimos, interpretamos e agora publicamos este que é um retrato da nossa produção coletiva e solidária. A obra tem muitas mãos, pernas e mentes, e essa característica plural é que aponta para sua força e para muitos corações. *Axe!*

Realização



**FÓRUM DA CAPOEIRA**  
DA GRANDE FLORIANÓPOLIS

Apoio



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-907093-3-6



9 788590 709336